



ESTADOS UNIDOS

Intolerância assassina

Atirador responderá pelas acusações de homicídio e de crime de ódio após matar cinco e ferir 17 em boate LGBTQIA+ de Colorado Springs. Veterano do Exército e donos da Club Q salvaram dezenas de vidas ao imobilizarem o matador

» RODRIGO CRAVEIRO

A poucos metros da Club Q — boate que há 21 anos era o refúgio da comunidade LGBTQIA+ em uma cidade conservadora —, flores e velas se misturavam a bandeiras com as cores do arco-íris e a cartazes que pregavam o amor onde a intolerância matou cinco pessoas e feriu 17. Anderson Lee Aldrich, 22 anos, o homem que invadiu o estabelecimento, às 23h56 de sábado (3h56 de domingo em Brasília), e disparou com um fuzil AR-15 e uma pistola, foi acusado preliminarmente por homicídios e crimes de ódio. No entanto, segundo o jornal *The Washington Post*, as acusações formais levarão algum tempo.

Os frequentadores da Club Q e moradores de Colorado Springs se preparavam para mais uma noite de vigília. Muitos deles expressavam revolta, comoção e consternação ante a tragédia, a segunda em seis anos a atingir uma boate LGBTQIA+ nos Estados Unidos. Em 12 de junho de 2016, Omar Matteen, 29, matou 49 e feriu 53, na Pulse, em Orlando (Flórida).

Em entrevista ao *Correio*, Rodrigo Heng-Lehtinen, diretor executivo do Centro Nacional para Igualdade Transgênero nos EUA, assegurou que os tiros na Pulse e na Club Q foram crimes de ódio. “Ambos representaram ataques ao povo LGBTQIA+ motivados pela intolerância”, admitiu. “A comunidade LGBTQIA+ no Colorado e em todo o mundo merecem segurança. Nós merecemos viver em paz. Aqui, em nossa organização, lutaremos por esse futuro onde todos possamos nos sentir seguros, sendo nós mesmos, de modo autêntico.”

“Foi um crime cometido por um jovem mentalmente instável, influenciado por líderes políticos, pela legislação e pela mídia. Ele decidiu levar essas crenças em um coração cheio de ódio. Ninguém deveria ter que passar pelo que alguns de meus conhecidos passaram ao enfrentar a turbulência emocional que a comunidade gay vivencia agora”,

Scott Olson/Getty Images/AFP



Moradores de Colorado Springs se abraçam diante de memorial em frente à Club Q, abrigo para a comunidade LGBTQIA+

desabafou à reportagem Mercedes Schurrer-Maró, 24, frequentadora da Club Q que se define como demisssexual (sente atração sexual por outra pessoa após formar conexão emocional) e aliada da causa LGBTQIA+.

Refúgio

“A Club Q talvez fosse a única boate LGBTQIA+ de Colorado Springs e era um refúgio seguro para tantas pessoas. Era um bom lugar para ir e fazer amigos. Um local onde o amor era sempre partilhado, não importava quem você era ou como você havia chegado lá”, acrescentou Mercedes, que perdeu dois amigos na tragédia: Derrick Rump, 38, e Daniel Aston, 28. “Eles eram tão carinhosos e amorosos. Se você tivesse um dia ruim, era como se Danny soubesse e ele sempre o faria rir.” Além de Derrick e de

Scott Olson/Getty Images/AFP



Na madrugada de ontem, vigília com velas homenageou as vítimas

Daniel, morreram Raymond Vance, 22, barman da boate; Kelly Loving, uma mulher transgênero de 40; e Ashley Paugh, 35, casada e mãe de uma garota de 11.

Aos poucos, surgem detalhes do crime. Aldrich invadiu o local pouco depois de um show de dragueens por ocasião do Dia da Memória Transgênero, comemorado mundialmente no último domingo e dedicado às vítimas

de violência transfóbica. “Eu olhei para cima e vi a sombra de uma pessoa alta segurando uma arma. Consegui ver bem a arma”, contou à agência France-Presse o barman Michael Anderson. “Explosão após explosão. Foi absolutamente aterrorizante. Fui atrás do bar. O vidro voava ao meu redor, como se houvesse balas quebrando as garrafas e tudo lá dentro”.

Atos de heroísmo podem ter salvado dezenas de vidas. Richard M. Fierro, 45, um veterano do Exército, foi à Club Q com a esposa para assistir a uma apresentação da filha, Kassy. “Meu marido derrubou o atirador. Ele tirou o AR-15 das mãos dele, pegou a pistola e literalmente começou a bater na cara com ela”, relatou à NBC News Jessica Fierro. “Alguns de nossos melhores amigos foram baleados várias vezes. Rich machucou as mãos, os joelhos e o tornozelo ao prender o atirador, que estava coberto de sangue. (...) Com o coração incrivelmente pesado e partido, perdemos Raymond, que fazia parte de nossas vidas desde que nossa filha estava na escola secundária. Raymond era namorado de Kassy.” Os proprietários da Club Q, Nic Grezcka e Matthew Haynes, ajudaram Richard a conter o assassino.

Eu acho...

Fotos: Arquivo pessoal



“O fácil acesso às armas nos EUA torna o ódio ainda mais letal. Sem as proteções básicas de segurança de armas, os mais vulneráveis entre nós correm o risco de morte apenas por serem autênticos. Aqueles que pensam que nada significamos são encorajados a nos atacar. Eles ganham os meios para tirar nossas próprias vidas com apenas um tiro. Precisamos de verificações universais de antecedentes criminais e uma proibição à venda de armas de assalto e de pentes de alta capacidade.”

Rodrigo Heng-Lehtinen, diretor executivo do Centro Nacional para Igualdade Transgênero nos EUA



“Acredito que a segurança provavelmente foi um problema na Club Q. Mas isso não muda o impacto da tragédia. Considero-a como um crime de ódio com muitas camadas que a sociedade precisa confrontar há muito tempo.”

Mercedes Schurrer-Maró, 24, frequentadora da Club Q

INDONÉSIA

Terremoto deixa mais de 160 mortos e centenas de feridos

Morador do distrito de Ceugengang, na província de Cianjur, o estudante Muhammad Faisal Gibran, 19 anos, tomava banho quando percebeu que a água se agitava. Tudo aconteceu às 13h21 (3h21 em Brasília). “Corri para fora e vi casas e prédios desmoronados. As pessoas também corriam em direção à rua. Vi muitos chorando, enquanto estavam presos contra a parede de uma casa que ruuiu”, contou ao *Correio*. “Entre os feridos, havia idosos e crianças. Os moradores que sobreviveram tentavam, desesperadamente, salvar quem estava soterrado. A primeira ambulância chegou meia hora depois.” Um terremoto de 5,6 graus na escala Richter (aberta, raramente chega a 9) sacudiu a região ocidental da Ilha de Java e deixou pelo menos 162 mortos e 700 feridos. As autoridades da Indonésia não descartam o aumento no número de vítimas.

O tremor desabrigou 13.782 pessoas e danificou 2.345 casas. “Muitos prédios ficaram nivelados com o solo. Mesmo imóveis de três andares foram esmagados”, disse Gibran. A empresária

Timur Matahari/AFP



Sobreviventes recebem tratamento no pátio de hospital, em Cianjur

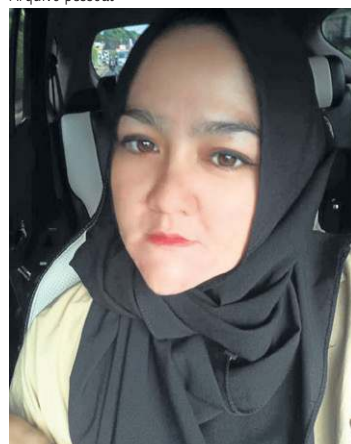
Gina Sri Reinjani Bangma, 38 anos, vive em Panembong, também no distrito de Cianjur, e estacionava o carro quando sentiu o abalo. “Foi um sismo imenso. Não aconteceu repentinamente. Os tremores continuaram em forma de pequenas ondas”, afirmou à reportagem, por meio do WhatsApp.

“Quando entrei com o carro no estacionamento do prédio onde fica meu escritório, escutei um barulho vindo do chão. O

carro parecia chacoalhar. Entrei em pânico e todos começaram a sair do edifício”, acrescentou Gina. Lentamente, ela engatou a marcha a ré no veículo e, enquanto se afastava, os vidros das janelas do segundo andar caíram sobre o chão da garagem. “Muitas das pessoas que saíram ficaram feridas por conta dos estilhaços.”

O estudante Luthfi Anshor, 25 anos, tirava uma soneca no dormitório da escola islâmica, em

Arquivo pessoal



Gina Sri Reinjani: “Foi um sismo imenso, seguido de ondas”

Cikotok, na província de Cianjur. “De repente, tudo começou a tremer e saímos correndo para fora. Vi prédios chacoalharem, telhados caírem e a água se remexer. Felizmente, em minha cidade não houve prédios gravemente danificados e ninguém morreu”, contou ao *Correio*. “Foi algo muito assustador. Eu e meus amigos nos abrigamos em um campo aberto. Lá, entrei em contato com colegas que moram em outros vilarejos e subdistritos. Eles em contaram

Arquivo pessoal



Luthfi Anshori: “Vi prédios chacoalharem e telhados caírem”

muitos prédios residenciais e escolas, além de shopping centers, ruíram. Assim que ocorreu o terremoto, a eletricidade foi cortada e só retornou quase 12 horas depois.”

Socorro

Os hospitais ficaram lotados e muitos pacientes precisaram ser atendidos no estacionamento. De acordo com o Centro Geológico dos Estados Unidos (USGS), o epicentro de

terremoto foi registrado a 10km de profundidade e a 110km ao sudeste de Jacarta. Chefe do governo de Cianjur, Herman Suherman confirmou à emissora Metro TV que a cidade registra um fluxo constante de vítimas. “Há muitas famílias nas cidades que não puderam ser retiradas”, disse. A agência France-Presse divulgou que moradores de Cianjur usaram os próprios carros e motos para transportar os feridos até o Hospital Geral. Os mortos eram deixados diante do estabelecimento, cobertos por uma lona.

Por estar localizada em uma região conhecida como “Círculo de Fogo do Pacífico”, a Indonésia registra terremotos com frequência. Em 2018, um tremor de 7,5 graus deu origem a um tsunami que varreu Palu, na ilha de Sulawesi, deixando 4.300 mortos. Em 2006, Java contou 6 mil mortos e dezenas de milhares de feridos ao ser atingida por um sismo de 6,4 graus. Mas a Indonésia continua assombrada pelo tsunami de 26 de dezembro de 2004, deflagrado pelo terremoto de 9,1 graus, na costa da Ilha de Sumatra. Mais de 220 mil pessoas morreram. (RC)